

DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS DA PRÁTICA DOCENTE EM UMA OFICINA DE MUSICALIZAÇÃO EM MEIO AO ENSINO REMOTO

LAÍS DOS SANTOS TAVARES¹; ISABEL BONAT HIRSCH²

¹Universidade Federal de Pelotas - laissantos_07@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - isabel.hirsch@gmail.com

1.INTRODUÇÃO

O presente trabalho caracteriza-se um relato, o qual irá abordar experiências e desafios do ensino de música na Oficina de Musicalização/Percussão, em um projeto de extensão do curso de Música Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, o projeto “Fazendo um Som”, que visa oportunizar crianças, adolescentes, jovens e adultos, a obterem um aprendizado musical, a fim de promover a inclusão social através da música. O projeto teve início em abril de 2019, e conta com várias ações. A primeira ação ocorreu em instituições acolhedoras, com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, porém, no início de 2020 o projeto precisou ser encerrado por conta da pandemia da COVID-19. No entanto, em outubro do mesmo ano, o projeto retornou de forma remota, desta vez em mais uma ação, agora vinculado com a Orquestra Estudantil do Areal e Orquestra Municipal de Pelotas, com ênfase do ensino de música para instrumentistas.

Ao ingressar no projeto, tive a oportunidade de obter experiência docente com a prática de ensino da música na Oficina de Musicalização/Percussão. As turmas onde estou desenvolvendo as atividades, são formadas por crianças e adolescentes de locais diferentes, como a Orquestra do Areal, Orquestra Municipal e, também, de escolas da rede pública e particular de ensino. Como as aulas estão sendo viabilizadas de forma remota, foi possível oportunizar o ingresso de alunos de outros locais da cidade e municípios e, por isso, possuem diferentes níveis de conhecimento musical, já que nem todas as escolas oferecem o ensino de música.

Por ser o ensino de música de forma prática, não é uma tarefa fácil desenvolver atividades no formato remoto, o que pode limitar a aprendizagem. Porém, nesse momento foi necessário criar estratégias para a produção das aulas, a fim de que o ensino se tornasse atrativo aos alunos. No entanto, diante desse desafio surgem os seguintes questionamentos: Como alguém que está iniciando sua prática docente, consegue obter um aprendizado satisfatório sem o contato com os alunos e a experiência presencial de sala de aula? Que tipo de saberes e práticas de ensino estão sendo experienciados neste modelo de ensino remoto? Quais os desafios são encontrados? Diante desses questionamentos, o presente relato irá abordar as experiências, desafios e aprendizados, bem como as preparações das aulas e as metodologias utilizadas para esse ensino de música remoto.

2.METODOLOGIA

O primeiro contato que tive com os alunos foi via whatsapp, pois foi criado um grupo com os alunos para que eu pudesse me comunicar com eles e com os pais. Logo no começo, enviei a eles um formulário de cadastro, para que eu pudesse conhecê-los melhor e continham perguntas tais como: tem algum

conhecimento musical? Participou de algum curso relacionado à música? Qual instrumento toca? e, por fim, qual estilo musical preferido? Além dessas, mais específicas da área musical, solicitei que me enviassem alguns dados pessoais para cadastro.

Dessa forma pude compreender qual perfil de alunos para programar, proceder e abordar conteúdos posteriores, bem como escolher o repertório musical de forma que contemplasse a todos.

Para poder desenvolver as aulas de forma síncrona foi utilizada a plataforma Google Meet, e também foi utilizada a plataforma Google Sala de Aula para as aulas assíncronas, para disponibilizar a gravação das nossas aulas da semana e os materiais e atividades para os alunos. Outras duas plataformas utilizadas são o Youtube, para a execução das músicas, e o Chrome MusicLab para auxiliar nas aulas e na explicação do conteúdo de parâmetros sonoros. As aulas são realizadas uma vez por semana com cada turma, num total de 22 alunos inscritos. Como a turma continha alunos de diversas idades que variavam de 6 anos até 17 anos, optei por dividi-los, sendo a Turma 1 - 6 a 12 anos e a Turma 2 - 13 a 17 anos. Essa divisão se tornou necessária por ter crianças e adolescentes com idades muito distintas. Se faz necessário que, mesmo que sejam ensinados os mesmos conteúdos nas duas turmas, ainda assim usamos linguagens diferentes com cada uma e, talvez, até atividades diferentes em algum momento e até mesmo níveis de dificuldades diferentes, de acordo com as faixas etárias e o nível de conhecimento dos alunos.

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

Acredito que precisamos sempre avaliar da melhor forma o ambiente de sala de aula o qual estamos inseridos, pois dessa forma é possível compreender cada turma e assim produzir aulas que vão atender à necessidade dos alunos. Segundo PENNA (2012),

Os professores, como profissionais reflexivos, precisam, constantemente, portanto, avaliar o próprio processo de ensino e aprendizagem em curso, tomando decisões que permitam realizar os objetivos propostos, dentro dos limites e possibilidades da situação educativa concreta (PENNA, 2012, p.13).

Dessa forma, baseada na reflexão da autora, compreendo que a melhor forma, antes de produzir uma aula, seja analisar e refletir sobre o espaço de sala de aula e o perfil de alunos, para só assim tomar as melhores decisões para realizar os “objetivos propostos”. Acredito que essa prática deve ocorrer sempre pois, ao longo das aulas também vamos sentindo e percebendo as melhores possibilidades e modificando o plano de aula de acordo com o que se percebe no decorrer das aulas.

Portanto, depois de fazer essa primeira análise, optei por começar a primeira aula fazendo uma apreciação musical com os alunos nas duas turmas, abordando com eles características e instrumentação as quais eles conseguiam descrever a partir da escuta da música, pois dessa forma poderia compreender melhor o conhecimento musical deles e as suas percepções através desse exercício.

A música executada para a atividade foi “Tico-tico - Trio que Chora”¹, um arranjo um pouco diferente do original, com mais instrumentação escolhida, propositalmente, para que fossem percebidas as variações instrumentais. Os alunos das duas turmas gostaram muito da música e, para minha surpresa, tanto os menores quanto os maiores, conseguiram compreender várias características presentes na música, bem como a instrumentação presente. Com essa atividade, os alunos treinaram a percepção e compreenderam a importância da escuta da música e percepção de suas características, o que irá auxiliá-los nas músicas que eles próprios precisam executar com seus instrumentos.

Nas aulas posteriores, abordei os parâmetros sonoros utilizando, inclusive, utensílios que estão à nossa volta, já que estamos todos em casa e instrumentos musicais que eles têm acesso. Utilizei o Chrome Music Lab., para mostrar espectrogramas, ondas sonoras, dentre outros aspectos que nos auxiliam na compreensão dos parâmetros. Músicas para apreciação foram utilizadas e também materiais alternativos para criar instrumentos, como chocalhos de garrafas pet, buscando diferenciar de timbres e intensidades. Outra forma de abordagem foi a percussão corporal, para distinguir diferentes timbres, alturas e intensidades nos sons do próprio corpo.

Na preparação das aulas, pude perceber que o saber docente é muito mais do que apenas preparar aulas repletas de conteúdo. Dar significado e permitir a construção de conhecimentos entre alunos e professor a cada aula é o que torna o aprendizado muito mais satisfatório, tanto para os alunos quanto para o professor na sua prática. TARDIF (2002), nos mostra como ocorre essa construção do saber docente.

O saber dos professores não é conjunto de conteúdos cognitivos definidos de uma vez por todas, mas um processo em construção ao longo de uma carreira profissional na qual o professor aprende progressivamente a dominar seu ambiente de trabalho, ao mesmo tempo em que se insere nele e o interioriza por meio de regras de ação se tornam parte integrante de sua consciência prática (TARDIF, 2002, p. 14.)

Mediante o autor, ao longo da nossa prática, vivemos diferentes experiências, seja no presencial ou no remoto, porém nos dois ambientes ocorre esse processo de “construção”, pois cada ambiente e turma nos mostra um caminho diferente a percorrer, onde nós é quem criamos e recriamos a nossa prática. O saber docente não é apenas conteúdo, mas sim, essa construção que ocorre aula a aula.

5.CONCLUSÕES

Diante do exposto, percebo o quão desafiador é pensar e programar aulas para os alunos nesse modelo remoto, pois muitas vezes várias atividades são pensadas para serem realizadas com os alunos, porém, como as aulas são remotas, nem todas tem a possibilidade de serem executadas. Além das dificuldades de preparação das aulas, existe dificuldade com conexão de internet e com a plataforma, pois muitas vezes não existe a possibilidade de ver o aluno na câmera dificultando meu trabalho como professora, pois não é possível ver se a execução de alguns exercícios está correta.

¹ A música “Tico-tico” é de autoria do compositor Zequinha de Abreu, porém este é um arranjo executado pelo grupo Trio que Chora.

Portanto, acredito que esses problemas que ocorrem por causa do meio remoto, acabam por prejudicar, de certa forma, minha formação acadêmica, pois não tenho acesso pleno ao ambiente de sala de aula, de forma que possa ministrar os conteúdos da forma correta, e com o contato e convívio com os alunos e os desafios das aulas presenciais. Porém, também penso ser um aprendizado muito importante, pois me faz pensar mais sobre a prática e me desafia a criar novas possibilidades no ensino de música, embora essa não seja a melhor maneira de se ensinar música.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PENNA, M; A função dos métodos e o papel do professor: em questão, “como” ensinar música. In: Teresa Mateiro, Beatriz Ilari, (Org.). **Pedagogias em educação musical** [livro eletrônico] – Curitiba: InterSaberes, 2012. – (Série Educação Musical). 1ª ed; p.13 .

TARDIFF. M; **Saberes docentes e formação profissional**. 11ª ed - Petrópolis, RJ; Editora Vozes; 2002; p.14.